



EXPERIÊNCIAS DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: TRABALHANDO A TEMÁTICA AFRO-INDÍGENA A PARTIR DE JOGOS E BRINCADEIRAS

Crislaine de Souza Borges
c233161@dac.unicamp.br¹

Nícolás Lúis Germano
n242506@dac.unicamp.br²

Resumo

O presente artigo visa apresentar a experiência interdisciplinar do Programa de residência pedagógica, entre alunos de licenciatura em Geografia e Educação Física, permitindo o aprimoramento na formação docente e na convivência escolar. Com isso, foi possível explorar dentro do Programa de Ensino Integral a experiência de uma disciplina eletiva que abordou a temática Afro-Indígena, com diferentes tipos de linguagens na sala de aula, verbal e corporal, fazendo com que os alunos aprendessem brincando e desenvolvessem a partir de diversas produções artísticas seus conhecimentos.

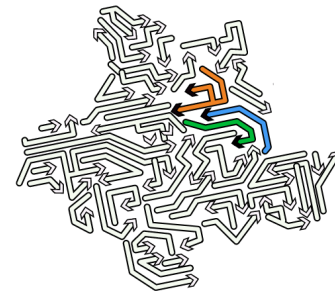
Palavras-chave: educação, arte, linguagens.

Introdução

O trabalho a ser apresentado é fruto da experiência prática do Programa de Residência Pedagógica (PRP), cujo objetivo é fomentar projetos institucionais que vem a contribuir para o aperfeiçoamento da formação inicial de Ensino Superior, contribuindo então para o desenvolvimento da formação pedagógica de professores de educação básica, nos cursos de licenciatura. A proposta de subprojeto desse programa é a interdisciplinaridade entre os cursos de Geografia e de Educação Física. O grande desafio para ambas as disciplinas, explicita-se, é encontrar um ponto nodal para desenvolver a prática proposta e a aproximação

¹ Aluna do curso de Geografia da Universidade Estadual de Campinas e bolsista do Programa de Residência Pedagógica (PRP).

² Aluno do curso de Geografia da Universidade Estadual de Campinas e bolsista do Programa de Residência Pedagógica (PRP).



dessas duas áreas do conhecimento. Nesse sentido, a interdisciplinaridade é fundamental para que o aluno compreenda de forma sistêmica e mais abrangente o conteúdo a ser ensinado. Em citação do professor Paulo Freire, define-se com maior acuidade:

a interdisciplinaridade é o processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a realidade e com sua cultura. Busca-se a expressão dessa interdisciplinaridade pela caracterização de dois movimentos dialéticos: a problematização da situação, pela qual se desvela a realidade, e a sistematização dos conhecimentos de forma integrada. (FREIRE, 1993, p. 98).

No Brasil a interdisciplinaridade nas escolas de ensino formal foi introduzida na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) ainda na década de 70, com a proposta de redirecionar o processo de ensino-aprendizagem. A Escola Estadual PEI Carlos Lencastre onde o projeto está sendo desenvolvido, a saber, adotou o Programa de Ensino Integral (PEI), que foi aplicado nas escolas estaduais no estado de São Paulo no ano de 2012. Esse modelo de ensino prevê a oferta de práticas variadas como Tutoria, Nivelamento, Protagonismo Juvenil e Líderes de Turma, e ainda componentes curriculares específicos como Orientação de Estudos e Práticas Experimentais. Como exemplo, tem-se as disciplinas eletivas, promovendo a mesma prática que foi desenvolvida e será apresentada aqui. É importante apontar que a Escola Carlos Lencastre foi pioneira no modelo PEI no estado de São Paulo, por esse motivo essa escola já está bem adaptada a esse modelo e as disciplinas oferecidas trabalham a interdisciplinaridade, tanto as disciplinas eletivas quanto às disciplinas de orientações de estudos, vão além dos currículos bases de ensino, principalmente o currículo paulista e a BNCC.

As disciplinas eletivas foram criadas dentro das Diretrizes do Programa de Ensino Integral e preveem a estratégia para ampliação do universo cultural do estudante. O Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional propõe uma condição diversificada fornecendo as diretrizes para construção das disciplinas de eletiva. Com isso, ela promove o enriquecimento, a diversificação e a ampliação dos conteúdos e temas do Núcleo Comum. Então, a partir do currículo do ensino integral as disciplinas eletivas vão cumprir um papel



fundamental na diversificação das experiências escolares, onde os alunos poderão apropriar-se, principalmente, da experiência interdisciplinar e das diferentes linguagens –

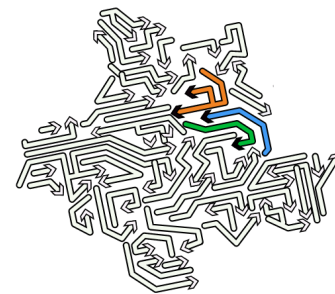
tanto verbais quanto corporal – que são possíveis de trabalharem-se. Proporciona-se, assim, uma melhor expressão, comunicação e produção culturais.

A dinâmica escolar e a realidade dos alunos, que pôde ser observada por nós, é completamente diferente neste modelo de ensino (PEI), principalmente porque os discentes estão o dia todo na escola e isso convoca a existir um desafio intensificado dentro da sala de aula. Explicita-se: não é tão simples prender a atenção dos alunos em uma aula teórica, ainda mais de alunos que vivem a maior parte do seu dia dentro da sala de aula.

Na prática, a programação das disciplinas eletivas e a organização pedagógica que será realizada durante o semestre é programada antes do início das aulas, onde é necessário entregar à direção escolar a descrição de cada aula do semestre todo e, além disso, um relatório geral do que será apresentado na disciplina. É necessário, também, dizer nesses relatos sobre os materiais que serão utilizados nas disciplinas e o espaço que será utilizado dentro da escola, como, por exemplo, a biblioteca, a sala de informática ou a quadra.

Nesse sentido, a escola que relato aqui é extremamente organizada, tendo um calendário mensal e semestral de uso dos espaços, onde os professores conseguem de maneira prática organizar-se para não bater nenhuma data e ser bem aproveitado para todas as disciplinas. A concretização da disciplina eletiva, a qual foi vivenciada por nós, aconteceu no final do semestre com um evento, chamado de Culminância, que é feito para toda a comunidade escolar. Ademais, esse acontecimento é composto por: professores, funcionários, alunos e as famílias dos alunos; e neste espaço comum é apresentado aquilo que foi aprendido e produzido pelos alunos durante o decorrer do semestre.

A disciplina eletiva possui a seguinte temática “*Jogos e Brincadeiras Afro-Indígena*”, sendo desenvolvidas por nós e pensada, primeiramente, a partir das duas Leis nacionais da LDB (Lei de Diretrizes e Bases). Enfatiza-se, sobretudo, a Lei nº 11.645/2008 que prevê a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” em conjunto com



a Lei nº 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de “ História e Cultura Afro-Brasileira”. Nesse sentido, será descrita esta experiência nos pormenores das atividades, elencando tanto os prazeres quanto as dificuldades encontradas.

Relato de experiência

A princípio, o tema da disciplina eletiva foi decidido em reunião com os demais participantes da residência pedagógica, sendo que a escolha dos tópicos africanos e indígenas surgiu conforme a necessidade de mesclar Geografia com Educação física, visando contemplar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desvela-se, isso, a partir das diversas habilidades contempladas pela base, sendo-as orientadoras das práticas exercidas.

Para a Geografia trabalhou-se as habilidades EF09GE14B em busca de analisar projeções cartográficas de diversas questões, desde sociais às econômicas e culturais. Isso adjunto da habilidade EF09GE03 ao intuito de identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças. Na área da Educação física contemplou-se, sobretudo, a diretriz EF35EF04 remetendo a recriar individual e coletivamente práticas e jogos populares do Brasil e mundo, incluindo de matriz africana e indígena. Ademais, também se trabalhou a EF35EF02 remetida ao planejamento e utilização de jogos populares do Brasil, tanto de indígenas quanto de africanos, de forma segura para todos os alunos. Depreendeu-se, por fim, a habilidade EF35EF01 em vista de experimentar jogos e brincadeiras populares do Brasil, entre indígenas e africanos, valorizando a importância desse patrimônio histórico-cultural.

Essa base estabelecida de habilidades só foi possível com ajuda das professoras das disciplinas de Geografia e Educação física da escola, que já estavam acostumadas com o uso das habilidades mencionadas, sendo elas responsáveis pela disciplina eletiva e guiaram-nos de perto, sempre aconselhando da melhor forma possível para execução das formalidades necessárias pré aula prática. Ainda, foi necessário pensar em um planejamento semestral prévio, haja vista ser na PEI preciso apresentar com antecedência como ocorrerá sua eletiva

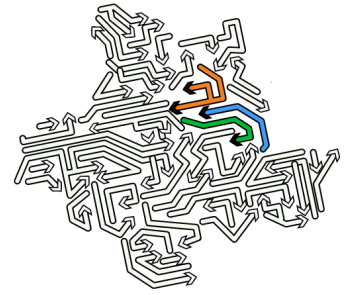


dentro de um plano de aula. Nesse relatório, precisa-se conter os elementos clássicos: título, ementa, justificativa, objetivos, habilidades desenvolvidas, conteúdo programático, metodologia, avaliação, cronograma etc. O contato com esse plano foi importante para conhecer e aprender como planejar-se durante o semestre, isto sendo nossa primeira vez, com a formulação de um plano que realmente seria aplicado em sala de aula. Logo, entende-se a importância de cada etapa, assim como a organização prévia nos guias por todo o período, sendo a base para todo o projeto.

Durante todo o percurso da eletiva, baseamo-nos nas obras de Paulo Freire, através da *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987) e da *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 2002). Dessarte, visto que estávamos numa escola estadual, com alunos periféricos, em busca de desenvolver o pensamento crítico e autônomo, intencionou-se promover o entendimento aos alunos de sua condição tanto a partir de sua própria história como brasileiro quanto a partir do paralelo à história dos indígenas e à dos africanos. Essa trama faz parte de quem ele, o aluno periférico, é e permite a consciência de tudo que está em sua volta: desde as brincadeiras de infância até as comidas clássicas. Carregou-nos, ainda, durante as práticas pedagógicas, o intuito de impactar o aluno para transformar sua curiosidade ingênua em curiosidade epistemológica.

A princípio o foco de toda eletiva precisa fundamentar-se na culminância, é necessário pensar com antecedência como será realizada em seus mínimos detalhes, como decoração para o conteúdo que será exposto ou executado. Disso, existem diversas possibilidades e o que nos encantou foi a liberdade para trabalhar-se através de diferentes maneiras que fogem do padrão escolar. Todavia, pela nossa falta de experiência, esse planejamento prévio de organização da culminância foi negligenciado a princípio, haja vista que além do nervosismo com as primeiras aulas, de fazer um planejamento decente, admite-se a dificuldade do curioso processo de marketing, ao passo de ser preciso fazer um cartaz e um vídeo convidando o aluno a participar da eletiva. Essas dinâmicas foram novas para a gente, pois nunca havíamos estudado em uma PEI, então, erros eram inevitáveis, porém de muito valor pedagógico.

Para começar, foi dividido o conteúdo indígena e africano por questão de organização, primeiro abordamos tudo sobre indígenas por regiões do Brasil e, em segundo, no meio do semestre tentamos discutir sobre a África. Assim, coube-nos utilizar duas aulas em sequência,



a princípio em conteúdo teórico em seu primeiro momento e atividade prática em sala ou quadra na segunda aula. Ao mais, a sala era composta por trinta e cinco alunos sendo a maioria do 9º ano e apenas três alunos do 8º ano.

Acreditamos que descrevendo a primeira aula ficará mais claro a dinâmica descrita. Em primeira posição, foi planejado fazer um mapeamento de conhecimentos prévios dos alunos sobre indígenas consistindo na escrita de palavras que os remetem às características e aos elementos da cultura indígena para, assim, observar o que se sabia *a priori* para, a partir disso, elaborar melhor as futuras aulas. Após, foi entregue pipoca na forma de apresentar uma comida clássica indígena e já conhecidas por eles. Depois, foram exibidos slides em forma de quiz de perguntas, testando se os alunos sabiam quais comidas eram de origem indígena, dentro os exemplos constituem: a paçoca, a cocada, a feijoada e o bolo de milho. Sendo a paçoca e o bolo de milho indígenas, os alunos tinham que levantar a mão e o prêmio pelo acerto era de uma paçoca, que remetia à comida indígena. Nesse prumo, o quiz sucedeu-se com elementos além da comida para, também, brincadeiras. Ao fim da primeira aula, foram exibidas diversas línguas indígenas e um mapa apresentando as várias famílias linguísticas que estavam presentes no Brasil. A intenção era apresentar um pouco da divisão populacional indígena brasileira, como os municípios com maior concentração de adjuntos das regiões, porém a aula havia acabado e era necessário ir para quadra começar a atividade prática.

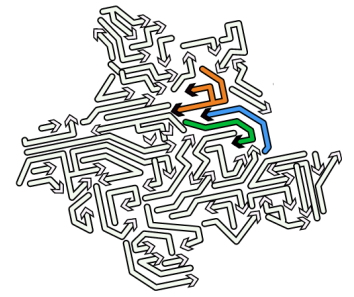
Em quadra, duas brincadeiras foram propostas, a primeira foi o cabo de guerra aprofundando a apresentação de brincadeiras indígenas, todos alunos já conheciam e foi de fácil execução, a Imagem 1 abaixo mostra um pouco do dia. Outrossim, a segunda brincadeira foi apresentada por nós com seu nome de origem africana: “pula feijão”; mas os alunos relataram que a conheciam pelo nome: “Reloginho”; consistindo numa pessoa no meio rodando a corda, enquanto todos ficavam numa grande roda em volta pulando-a.

Imagem 1. Cabo de guerra



Fonte: autoria nossa

Com o fim do primeiro dia de eletiva, podemos afirmar que o planejamento não foi executado de modo perfeito: o nosso nervosismo era aparente, encarar uma sala de aula do 9º ano pela primeira vez foi de certa forma assustador, lidamos diretamente com nossas inseguranças. Apesar de estudar Geografia, o tema indígena e o africano são muito densos e ricos e a busca de passar o conhecimento de forma em que os alunos entendam sua importância histórica e social é desafiador tanto pelo conteúdo quanto pela inexperiência. No entanto, não podemos deixar de ressaltar a sensação de “quero mais” ao sentido de melhorar a didática, o planejamento de uso de tempo em aula, o intuito de sermos mais espontâneos para chamar e sustentar a atenção dos alunos, reforçamos os estudos para o planejamento de aula



etc. Cada leitura foi pensada em como pô-la em prática de modo participativo com os alunos, discussão sempre presentes em nossas conversas avaliando uns aos outros.

Há mais. Na segunda aula, foi elaborado um compilado com as principais palavras escritas pelos alunos que os remeteram a elementos indígenas, destacando-se as palavras índio, dança, paçoca, cultura, arte, cocar etc. Nós focamos em começar pela discussão acerca da palavra “índio” por tratar-se de um termo raso que não contempla toda a complexidade e individualidade das etnias indígenas. Desse modo, Santos (2019) exalta que indígena é uma palavra que significa “natural do lugar em que vive”, evidenciando o caráter único de cada povo. Assim, como dito anteriormente, dividiu-se a disciplina por apresentação de regiões do Brasil, logo, a principal motivação desta aula era quebrar este paradigma datado do termo “índio”.

Após uma conversa profunda sobre as palavras escritas, foi apresentado o Norte brasileiro, mostrando seus estados e sua divisão populacional indígena pelo território para mostrar o contraste do Norte com as outras regiões e dos estados do Norte em si. Com o fim dessa dinâmica, chegamos na segunda aula do mesmo dia. Havíamos preparado uma dinâmica no Karrot (jogo digital de perguntas e respostas), consistindo em os alunos juntarem-se em grupos em vista de acertar as respostas para cada pergunta gerada e, assim, somar a maior quantidade de pontos. As perguntas consistiam numa retomada do conteúdo da aula anterior, com elementos das comidas e línguas indígenas. O Karrot demonstrou-se uma ótima ferramenta pedagógica, pois a turma engajou-se bastante no desafio, ficando interessantemente competitivo e divertido, terminando assim o segundo dia de aula.

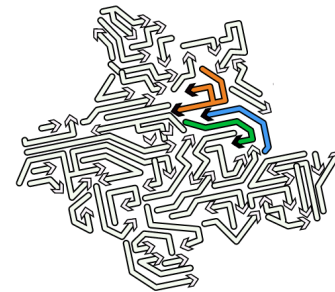
Nas aulas seguintes, seguiu-se um padrão geográfico da apresentação da região (clima, população, principais cidades, curiosidades culturais), isso com a introdução de dois povos presentes nos estados que a contemplam (evidenciando: comidas, brincadeiras, arte, contexto histórico, rituais etc.). Por mais, em conjunto com as atividades práticas em sua maioria na quadra estimularam-se outras brincadeiras indígenas: corrida com maracá, arranca mandioca, peteca, gaviões e passarinhos, corrida do Saci dentre outras brincadeiras. Refere-se essas brincadeiras ao que eram vistas na leitura de Cunha (2016), Munduruku (2021) e Grando, Xavante e Campos (2010).

Conforme o tempo passou, o incômodo de como aplicar o que foi estudado na culminância diminuíram. Aproximava-se às últimas aulas e percebemos que havíamos estendido demais a parte indígena e sobraria pouco tempo para a discussão sobre a África. Com esse problema, decidimos replanejar e focar para esta nova temática em fazer brinquedos, máscaras e um mapa localizando as principais etnias indígenas para apresentação, junto de comidas típicas e alguns instrumentos musicais. Essa decisão tardia foi fruto de nossa inexperiência, pois, agora, era preciso conciliar a prática de construção dos artefatos adjuntos do conhecimento teórico de África em pouco tempo. Foi dividido os temas por tópicos, logo, não trabalhar-se-ia mais por regiões e sim pelo que se faria no dia. Explica-se, em exemplo, que a boneca Abayomi foi uma das oficinas que estaríamos executando na culminância, assim no dia estabelecido para o estudo dela, focamos em sua contextualização histórica e depois prática de construção, levamos diversos retalhos de pano e, em conjunto, explicamos e ajudamos os alunos a montarem sua própria boneca para ficar em exibição no dia da apresentação. Isso sucedeu-se com os outros objetos, nas máscaras africanas, nos instrumentos e nos mapas.

Imagem 2. Oficina Abayomi e máscaras africanas produzidas



Fonte: autoria nossa



Ao chegar-se na culminância, envolvendo a escola inteira, todas as disciplinas eletivas apresentaram seus resultados nas formas mais variadas: havia eletiva de fanfarra, eletiva de teatro, eletiva de dança, dentre outras; cada uma com sua peculiaridade. Em nossa, vista pela Imagem 2, separamos em grupos os alunos responsáveis para cada setor, divididos em mesas: mesa de comidas típicas como paçoca e pipoca (os alunos responsáveis haveriam de explicar seus contextos históricos antes de entregar o alimento como brinde), mesa da cama de gato (oficina de brincadeira indígena), mesa das máscaras africanas (com o resultado das oficinas em sala), mesa com o mapa das etnias no Brasil (o grupo responsável explicava curiosidades das etnias que o mais chamará atenção e regionalizações), mesa dos instrumentos (o grupo responsável apresentava e ensinava os convidados a tocarem, sendo eles o maraca, agogô, atabaque, matraca e xequerê) e, por fim, mesa da oficina das bonecas Abayomi, para fazer a sua própria boneca, além de ter músicas e vídeos africanos e indígenas de fundo.

O dia passou voando e, particularmente, para todos nós, toda a eletiva voava apesar das dificuldades, acreditamos, pois, que fizemos um trabalho bem-feito e com bons resultados. Ressalta-se, sobretudo, a felicidade em ver que os convidados engajaram bastante nas oficinas assim como os alunos, seja na criação da própria boneca, seja na brincadeira da cama de gato ou seja nas conversas sobre as etnias. Sempre aparecia alguém disposto a mostrar seus talentos nos instrumentos ali presentes. Malgrado o cansaço no encerramento do dia, a sensação de dever cumprido era acolhedora e sabíamos que nunca mais seríamos os mesmos depois dessa experiência enriquecedora.

Considerações finais

Em primeiro lugar, somos gratos a todo o grupo da residência pedagógica, haja vista que o debate e a troca de ideias sempre estiveram presentes em todo percurso da nossa eletiva, desde seu planejamento até o dia a dia de cada aula. As reuniões eram semanais e podíamos trazer nossas questões, desde as mais subjetivas até as mais práticas, assim, ter um grupo que possibilitou expressarmos nossas frustrações, nervosismos, realizações e dúvidas foi essencial para nosso desenvolvimento como professor, sobretudo por perceber que diversas sensações e incômodos não estão isolados a nós e que todo mundo está na mesma trajetória, repleta de desafios, foi reconfortante.

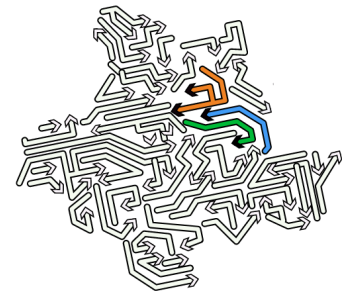


Acredita-se que aprendemos muito sobre o que é estudar para ensinar, aprender a olhar o material didático, a embasar-se nas leituras e, ainda, a pensar como repassar este conteúdo afro-indígena de forma didática e interativa. Ademais, ressalta-se a importância de aprender a lidar com as frustrações: às vezes o que imaginávamos que iria dar certo dava errado, seja na nossa didática, seja na prática da turma que estava apática ou muito agitada no dia. Isto é, foi interessante observar como o bem-estar da sala era refletido em nós como professores. Por mais, foi importante entender que, com o tempo que se evolui, a cada aula tentávamos ser mais espontâneos e dinâmicos. Com erros e acertos, agradecemos enormemente pelo acolhimento das professoras de Geografia e de Educação Física que se fizeram sempre presentes e dispostas a nos ouvir, aconselhar e, às vezes, nos puxar a orelha. O espaço que elas nos deram fez-nos reconhecer o que é o dia a dia do professor.

Foi muito importante e enriquecedor observar como a interdisciplinaridade e as diversas formas de linguagem que foram trabalhadas por nós na sala de aula são fundamentais para chegar-se ao resultado final: tanto na observação individual dos alunos, cada um dentro de um contexto e realidade, quanto na observação coletiva de participação nas atividades propostas. As multiplicidades de linguagens utilizadas por nós, como as brincadeiras, as competições e as formas de representações artísticas fizeram com que os alunos se envolvessem muito nos conteúdos trabalhados.

Concluimos com toda a experiência que, seja nos dias bons ou seja nos dias ruins, ser professor é gostar de gente, é estar trocando conhecimentos e vivências o tempo todo, é crescer enquanto ajuda a crescer, a saber, fomos marcados permanentemente por esses alunos que carregam com si suas individualidades. Assim, a eletiva ter sido tão diversificada, permitiu-nos explorar aspectos únicos, a exemplo das aulas teóricas as quais havia alunos interessados e engajados tal como alunos apáticos, porém, ao revés, era comum que nas aulas práticas em quadra esses alunos “apáticos” brilhavam e mostravam algo que ficava ofuscado em apenas teoria. Nas aulas mais artísticas, das bonecas e máscaras, outro terceiro grupo de alunos destacava-se e mostrava-nos tamanha sensibilidade com as formas, com o pincel e com o trabalho manual de modo surpreendente.

Ao desfecho, pensa-se conforme Athayde (2018 p. 2): “O processo de aprendizado humano consubstancia-se para além de uma sistemática mental, mas é todo um processo de



ativação da inteligência, da cognição e configurada essencialmente pela emoção. ” Observar as multiplicidades de subjetividades, tão de perto, fez-nos perceber como a oportunidade de trabalhar-se diversas abordagens educacionais contempla uma maior margem de alunos, os possibilitando destacarem-se naquilo que os encanta. Esse entendimento encanta-nos e, ao maior intento, vimos que transforma a educação.

Referências

ATHAYDE, Lilian. Arte, ludicidade e educação: interações para (re) encontrar a arte-magia do ensinar-aprender. **Revista acadêmica universo Salvador**, v. 3, n. 5, 2018.

CUNHA, Débora. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal: Ed. Do autor, 2016.

GRANDO, Beleni; XAVANTE, Severiá; CAMPOS, Neide. Jogos/brincadeiras indígenas: a memória lúdica de adultos e idosos de dezoito grupos étnicos. *In*: GRANDO, Beleni. **Jogos e Culturas Indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: Ed. UFTM, p. 91-121, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993a.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**. Versão infantil. São Paulo: Callis, 2019.

SANTOS, Emily. Índio ou indígena? Entenda a diferença entre os dois termos. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/04/19/indio-ou-indigena-entenda-a-diferenca-entre-os-dois-terminos.ghtml>. Acesso em: 10/07/2023.